

**OLIVEIRA, Rosa Adelina Sampaio.** Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA; Mestranda – Poéticas e Processos da Encenação; Catarina Sant’Anna. Professora, Atriz e Produtora Cultural.

### RESUMO

Propõe-se a analisar trabalhos práticos em comunidades, ações e gestos no relacionamento que envolvem o Grupo de Teatro Roda Moinho, com crianças e jovens do Assentamento Poço Longe, Ruy Barbosa (BA) e do Assentamento de Reforma Agrária Dom Mathias, Ipirá (BA). Reflete-se sobre as consequências de tais experiências no trabalho e nos paradigmas de atuação do próprio Grupo.

**Palavras-chave:** Teatro de Grupo. Comunidades. Artes Cênicas.

### RESUME

On propose l’analyse des travaux pratiques au sein des communautés, des actions et comportements de rapports interpersonnels, autour du groupe de théâtre Roda Moinho avec des enfants et des jeunes de l’Assentamento Poço Longe, Ruy Barbosa (BA) et de l’Assentamento de Reforma Agrária Dom Mathias, Ipirá (BA). On réfléchit autour des conséquences de tels expériences dans le travail et paradigmes du groupe lui même.

**Mots clés:** Théâtre de Groupe. Communautés. Arts du Spectacle.

O presente artigo visa investigar parte da trajetória do Grupo de Teatro Roda Moinho, analisar as questões emergidas no processo de trabalho com diferentes poéticas, bem como refletir sobre novas perspectivas. Por isso, faz-se um breve histórico da formação do mesmo e de seu anseio de trabalhar no meio rural. Composto de início por licenciandos em teatro pela UFBA: Alexandre Geisler, Flávia Padilha e Rosa Adelina<sup>1</sup>, no subúrbio ferroviário de Salvador, em Fazenda Coutos, na escola municipal Antonio Pithon, com o projeto “Conhecendo o Teatro”.

A partir da observação e vivência com a realidade local, surgiu o texto “Quindim, o catador de sonhos”, de dois dos integrantes, Rosa Adelina e Alexandre Geisler, de um espetáculo infantil de bonecos, selecionado no edital de ocupação de espaços culturais da FUNCEB<sup>2</sup> – com um mês em cartaz no Cine Teatro Plataforma.

Em 2009, o grupo intensificou seu desejo de trabalhar com regiões rurais, realizando o projeto “As Nossas Máscaras”, pelo edital de formação e qualificação artístico cultural da FUNCEB, com as oficinas de “*Commedia*

<sup>1</sup> Em 2009, Érica Lopes entra no Grupo e em 2010, Flávia Padilha afasta-se dos trabalhos.

<sup>2</sup> Esse edital não contava com apoio financeiro, apenas sessão de pauta e material de divulgação. Por meio dele o Grupo teve o estímulo para a montagem de seu primeiro espetáculo, mas também contraiu uma série de dívidas internamente, que deixou o grupo apreensivo em tentar realizar novas montagens sem um mínimo de recursos.

*dell'Arte* e teatro de máscaras” e “Confecção de máscaras” em assentamentos de reforma agrária de Ipirá e Ruy Barbosa, parte do Movimento dos Trabalhadores Assentados, Acampados e Quilombolas da Bahia – CETA. Em paralelo, o grupo realizou algumas intervenções cênicas na região, com temáticas e situações então surgidas.

Nesse ponto já podemos adentrar na investigação de uma das questões que fizeram o grupo experimentar novas práticas, que associa-se a outro assunto, que mesmo não sendo o foco desse artigo, será de certa forma tratado aqui, que é a sustentabilidade de um grupo teatral, aqui, com foco em trabalho popular.

Por uma questão de pesquisa e também financeira, o grupo intensificou o trabalho com o que chamou de **intervenções**, com máscaras, jogo do palhaço, pequenas esquetes, ou apenas interagindo com o público, de forma ainda experimental.

Sem conseguir montar um espetáculo, o grupo passa a desenvolver um formato que, além de não demandar o mesmo tempo de dedicação de uma montagem (até porque se faziam outras atividades de subsistência), podia ser sustentado com custo ínfimo. Esse processo aproximou o grupo do povo, num formato que começa a romper a quarta parede e a diluir a dicotomia ator-espectador, desnudando novos caminhos.



Por meio de outros projetos, focalizados inicialmente apenas na formação teatral, o grupo pôde realizar investigações e materializar o desejo de estar em espaços populares, especialmente no interior do estado. É importante ressaltar que não é por estar nesse momento sistematizando que deixarei de lado um fator, que é a dimensão da espontaneidade dessas descobertas. Foi o próprio caminho que construiu as escolhas e mostrou posteriormente prováveis direções a serem seguidas, obviamente que sementes delas tinham sido plantadas nas próprias escolhas de tais caminhos.

Como anteriormente mencionado, a primeira experiência do grupo em meio rural foi com o projeto “As Nossas Máscaras”, idealizado em 2008, mas que só teve suporte para consolidar-se no início de 2010. Nesse projeto o grupo desenvolveu oficinas de construção de máscaras e de Teatro de Máscaras e *Commedia dell'Arte* para crianças e jovens de dois assentamentos, Dom Mathias, Ipirá (BA) e Poço Longe, Ruy Barbosa (BA).

A primeira sensação absorvida na execução do projeto foi a de que éramos “estrangeiros” no local, tanto na construção do nosso olhar quanto no direcionamento do olhar das comunidades. Mas, em ambos os locais, percebemos que ao longo do desenvolvimento das atividades acontecia uma

abertura progressiva das comunidades, inclusive, passando a nos apoiar com os recursos de que possuíam (leite, costura, gasolina etc.).

Além de sermos desconhecidos pela maioria das pessoas desses locais<sup>3</sup>, o fato de estar ali para fazer arte, bem como usar roupas de certa forma “despojadas” atraía a atenção geral, em ambos os locais (Ruy Barbosa e Ipirá). Inicialmente nos tornávamos foco do olhar de muitos. Numa de nossas viagens, depois de mais uma jornada de trabalho no assentamento Poço Longe, ao irmos à feira de Ruy Barbosa, na área urbana, percebemos a movimentação e o burburinho em torno de nossas figuras; escutamos, inclusive, de forma disfarçada, um diálogo: “— Quem são eles?”, e a resposta: “— Devem ser *hippies!*”. A verdade é que nossa fisionomia exausta, os cabelos bagunçados, rostos inchados, roupas bem coloridas e amarrotadas, e mochilas quase do nosso tamanho nas costas, atraíram a atenção em relação à estética do ambiente e das pessoas que estavam nele. Mas essa é só mais uma das experiências vivenciadas, decorrentes de certo olhar de estranhamento direcionado para nós, de caráter bem explícito, mas coisas mais sutis dessa natureza também permearam nossa convivência.

Outro comentário que ouvimos de relance no processo, e que compõem de certa maneira, reflexos de uma postura de direcionar-se à alteridade do outro, foi de uma criança mostrando para a mãe nossos cabelos, que apenas estavam bagunçados, e com uma espécie de um grande “tererê” de lã coloridos, tanto eu, quanto Alexandre Geisler (o que poderia ser também um dos maiores focos da atenção por ser homem) estávamos usando. A resposta da mãe foi: “É cabelo de artista, meu filho!”.

É importante neste espaço refletir um pouco sobre as consequências de tal olhar inicial de estranhamento, que não se encerra de forma alguma na dicotomia entre bom ou ruim, sendo um pouco mais complexo tal fenômeno. A atitude das pessoas que partia de tal olhar variava, desde as que de certa forma não facilitavam a execução da nossa proposta, passando por aquelas que, inclusive, dificultavam<sup>4</sup> e chegando até pessoas curiosas e outras que se identificavam prontamente conosco, criando laços. Essas reações também podiam se misturar de acordo com a situação.

Tivemos que aprender a dialogar com tal olhar e não nos paralisar diante das consequências dele, por vezes preconceituosas. Nosso encantamento e desejo profundo de estar ali contribuiu para isso, e, aos poucos, fomos conquistando espaço. Mas, uma consequência foi que progressivamente com o contato com os assentamentos e as comunidades, o entrosamento foi conquistando confiança e apoio por parte das pessoas do local, como podemos conferir no texto interpretado pelo Roda Moinho numa intervenção, para a apresentação do final do projeto no Assentamento Dom Mathias, com os jovens e as crianças, que contou com uma apresentação de uma adaptação do *canovaccio* “O Arrancadentes”, de Flamínio Scala, intitulada “Troca de Favores”, resultado

---

<sup>3</sup> Apenas eu possuía algum vínculo prévio, inclusive com parentes, no município de Ipirá.

<sup>4</sup> Em uma das intervenções, eu com a máscara de Pantaleão, cheguei a ter um cavalo guiado em minha direção de forma ofensiva.

da Oficina de Teatro de Máscaras e *Commedia dell'Arte* e um desfile com as máscaras confeccionadas na Oficina de Confeção de Máscaras. As apresentações e o texto foram apresentados no próprio assentamento e na comunidade Malva. Para se ter uma ideia geral da relação do grupo e a aplicação do projeto nesse assentamento, exponho o texto que esclarece bem e sintetiza nossas sensações:

“Minha vida é andar por esse País!  
De Salvador para Itaberaba  
De Itaberaba a Ipirá  
Vindo ali pela Conceição  
Para pousarmos no Ciatá.

Doze dias no assentamento  
Passando em rio, riacho  
Suando no sol a pino  
Esperando o grande momento  
De começarmos as Oficinas  
De iniciarmos o Entrosamento

Passa boi, passa boiada  
O carro cai até dentro d'água  
Piaba vai de carona  
Celular sai para nadar  
E a força dos homens e mulheres fortes  
Não deixa o carro afundar

[...]  
Nessa história tem muitos personagens  
Muita gente a agradecer  
Se começasse pelo A  
Demoraria um tantão até chegar ao Z.  
Se gasolina fosse ouro  
Não teríamos dinheiro para pagar  
Tamanha quantidade que Janete<sup>5</sup>  
Teve que beber para funcionar

(...)  
Teve rabada, teve tripa,  
Limão, leite e até homem pra empurrar  
Janete, quando teimava empacar

E tudo isso vai deixar recordação,  
Dos homi e das mulé  
De todo esse sertão.

Vamos lembrar também da alegria

---

<sup>5</sup> Janete foi o nome que demos carinhosamente ao carro Fiat 147.

Das crianças e dos jovens  
Que folia!  
E de todo aquele sambão que fechou a primeira aula  
Eita que emoção!

E no final dessa jornada  
Aqui no Dom Mathias  
O corpo tá moído  
De tanto peso carregar  
Entra em carro, sai de carro.  
Acorda cedo, antes mesmo das galinhas,  
Pro almoço preparar.

E os alunos, eita menino!  
Vem de muito longe  
Para nos proporcionar  
momentos de muita emoção  
Que dentro desse texto  
Nem mesmo vai dar  
Uma hora, meia hora,  
Nesse Sol a caminhar,  
Atravessando rio, passando em pasto,  
Tudo isso para teatrar

[...]  
Compartilhar dessa arte  
É um pouquinho revolucionar  
Trocando em miúdos  
E reinventando o bê a bá.  
O tempo passa, o tempo voa  
E vamos chegando no finá.  
Desse canto que é um resumo  
Desse nosso caminhar  
Que foi em passo junto  
Assim coladinho com esse povo especiá

Já nos Quarenta e Cinco  
Vamos anunciando o grande finá  
E com emoção nos despedimos  
Porque amanhã logo cedo  
Antes mesmo que amanheça  
Colocamos o pé na estrada  
Levando na cabeça  
Muitas histórias com certeza  
Dessa temporada pelo sertão

Somos o Grupo de Teatro Roda Moinho  
Aqueles que no início não nos conheciam  
Amanhã com certeza se lembrarão.”

O texto não se trata de um cordel, como um leitor atento — ou até desatento — pode visualizar, mas buscávamos estabelecer uma certa melodia ao declamá-lo, buscando dessa forma atrair a atenção do público. Depois desse texto e da finalização das atividades do projeto, realizamos uma intervenção utilizando-se da poética dos palhaços, que relatava um pouco da nossa história automobilística com o local. Para falar de tal intervenção faz-se necessário retomar um pouco dessa experiência.



Conseguimos um carro, com o apoio<sup>6</sup> inicialmente de Berinho, para transitarmos. Acontece que o carro parava constantemente; nos acostumamos a brincar internamente que depois dessa experiência poderíamos acrescentar conhecimentos mecânicos ao nosso currículo, de tanta gasolina que sugamos e de tanto especular teses e suposições para os problemas do automóvel. Dessa maneira, sempre contávamos com o apoio das pessoas das comunidades e do assentamento para ajudar o carro a funcionar. Numa das cenas protagonizadas por Janete, como denominamos nosso primeiro carro, um Fiat 147, faltou freio e parece que uma das rodas travou, ao chegarmos ao assentamento Dom Mathias e numa curva, que também era ladeira. Dessa forma, caímos todos dentro de um riacho. Então, tais experiências, que contaram com a mobilização de muitos do local, transformaram-se numa intervenção, na qual tentamos relatar de forma cômica, com um carrinho de mão, um pouco desse processo.



Tal perspectiva de entrosamento entre as comunidades com as quais estabelecemos vínculos e nós, do Grupo de Teatro Roda Moinho, também foi influenciando o local e nos influenciando ao mesmo tempo, como cita Armindo Bião:

Conhecer-se o que não se conhece é reconhecer-se no novo, que se busca conhecer, algo que já existe no velho e, paulatinamente, irá se transformando (o velho), ao mesmo tempo em que, inevitavelmente também se transforma o que se passa a conhecer (o novo). É nascer-se de novo, a cada passo, junto com o próprio caminho que se percorre, transformando-o, continuamente (BIAO, 2009, p. 34).

As questões emergidas após essas experiências trouxeram modificações no Roda Moinho. Uma das consequências é que observamos a importância de um

---

<sup>6</sup> Depois conseguimos outros carros com o apoio de meu pai, Carlinhos Oliveira, ambos carros muito antigos e com diversos problemas mecânicos, uma Kombi e um Oggi.

trabalho de fortalecimento interno do grupo, o qual estamos realizando por meio de uma formação interna aprofundada não só prática, como principalmente teórica, de discussão e pesquisa de temas que conectam-se com nossos trabalhos, não só teatrais, mas políticos, históricos etc. Com relação às poéticas que investigamos, reforçamos a pesquisa em torno das máscaras, dos bonecos e do jogo do palhaço. Agora, iniciaremos um outro período de formação amparados pelo edital de manutenção de grupos artísticos da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Com o trabalho nas comunidades, suscitamos também o desejo de pesquisar em torno da contação de histórias, visto a grande quantidade de “causos” que nos foram compartilhados durante essas experiências rurais. Reafirmamos assim, nosso interesse cada vez mais concreto de desenvolver atividades no interior do estado, especialmente em regiões com pouco acesso à apreciação e formação teatral. Outra perspectiva, que agora se estabelecesse de forma mais clarificada e sistematizada em nossas mentes, é a pesquisa em torno da cultura popular e do riso, os quais de certa forma, sempre nos acompanharam mesmo de forma empírica.

As conclusões são muitas, e algumas foram suscitadas no decorrer do texto. A principal ideia que desejo colocar neste espaço é a de que nosso caminho, o caminho do Grupo de Teatro Roda Moinho, foi construído aos poucos, pelos passos trilhados, alguns impulsivamente, outros de forma mais racional, mas todos de maneira espontânea e apenas tateando as direções que iríamos chegar, as quais no fundo, sempre estarão se redesenhando de acordo com aqueles que encontrarmos nas encruzilhadas dos nossos sonhos/encontros. Tal perspectiva torna-se muito clara quando relembro de nossas avaliações dos trabalhos no Assentamento Poço Longe, em que alguns jovens mencionavam ser integrantes do Roda Moinho. E de fato são.

É nosso dever, ou se preferirem, nossa missão profissional, como autores, diretores e pessoas de teatro, conseguir falar da realidade rompendo o modelo estandardizado, por meio da fantasia, do sarcasmo, do uso cínico da razão (FO, 2004, p. 201).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad.: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; 1993.
- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- BOAL, Augusto. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. Trad.: Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: Senac São Paulo, 3ª edição, 2004.